

## UM LEITOR HABITUAL DAS “BELAS CRÔNICAS DE MAZADE”: MACHADO DE ASSIS E A ACLIMATAÇÃO DA CRÔNICA NO BRASIL

Mariana da Silva Lima (UFF/ CEFET-RJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto busca investigar a hipótese, levantada pelo crítico Roberto Schwarz, de que o autor francês Charles de Mazade teria sido um importante modelo para a escrita cronística de Machado de Assis. A sugestão é verificada a partir de um confronto entre a “Chronique de la Quinzaine”, que Mazade publicou na *Revue des Deux Mondes* entre 1852 e 1893, e a série “História de Quinze Dias”, publicada por Machado na revista *Ilustração Brasileira* entre 1876 e 1878.

**Palavras-chave:** Crônica; Machado de Assis; “História de Quinze Dias”; Charles de Mazade; “Chronique de la Quinzaine”

Em uma passagem secundária do livro *Ao vencedor as batatas*, o crítico literário Roberto Schwarz aponta a presença subterrânea de um escritor francês praticamente esquecido do século XIX na obra de um dos autores brasileiros mais lembrados: Machado de Assis<sup>2</sup>. O comentário, feito *en passant* em uma nota de rodapé, surge a propósito da comparação estabelecida pelo crítico entre o romance *Senhora*, de José de Alencar, e os romances da primeira fase de Machado de Assis. Ao chamar atenção para a importância da doutrinação da *Revue des Deux Mondes* na “militância anti-realista” do escritor brasileiro, Schwarz afirma: “Entre os doutrinários da revista, nessa matéria, está Charles de Mazade, que assinava estudos literários, políticos e sobretudo a ‘Chronique de la Quinzaine’, na qual se encontra, me parece, um dos modelos retóricos da crônica machadiana”.

Charles de Mazade foi um escritor e jornalista que viveu entre 1821 e 1893, e se tornou conhecido por sua atuação em *La Presse*, na *Revue de Paris* e na *Revue des Deux Mondes*. Conjugava sua paixão pela literatura com um vivo interesse pela história contemporânea, o que é demonstrado pelos títulos que publicou<sup>3</sup>. Sua colaboração na *Revue* teve início em 1846, com a redação de boletins políticos e artigos críticos sobre literaturas estrangeiras (em particular espanhola e italiana). A partir de janeiro de 1852

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda no Instituto de Letras da UFF. Contato: marisilvalima@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Este texto consiste em uma versão resumida do ensaio intitulado “Machado, leitor de Mazade”, que será publicado em livro em breve.

<sup>3</sup> *L'Italie et les Italiens* (1864), *Révolutions de l'Espagne contemporaine* (1868), *Lamartine, sa vie littéraire et politique* (1872), *La Guerre de France* (1870-1871) [1875], *Le Comte de Cavour* (1877), *Monsieur Thiers, cinquante années d'histoire contemporaine* (1884). Fontes: *Dictionnaire Historique, Thématique et Technique des Littératures Françaises et Étrangères, Anciennes et Modernes* (Sous la direction de Jacques Demougin. Paris : Librairie Larousse, 1986) e *Grand Larousse Encyclopédique* (Paris : Librairie Larousse, 1963).

assumiu a prestigiosa “Chronique de la Quinzaine”, a qual assinou (com algumas interrupções) até sua morte.

De fato, é muito provável que a “Chronique de la Quinzaine” tenha servido como modelo para Machado, em particular para a série de crônicas intitulada “História de Quinze Dias”, composta entre os anos de 1876 e 1878 e publicada no periódico *Ilustração Brasileira*, dos irmãos Fleiuss. Alguns indícios evidenciam a relação próxima entre as duas séries cronísticas, como a semelhança entre seus títulos e o próprio perfil das publicações.

Uma outra pista da relação de Machado de Assis como leitor de Charles de Mazade aparece no conto “Teoria do Medalhão”, publicado na *Gazeta de Notícias* em 1881 (e no ano seguinte, no livro *Papéis avulsos*)<sup>4</sup>. O conto é apresentado na forma de um diálogo entre um pai e seu filho, ocorrido na noite de 05 de agosto de 1875, noite em que este completa 21 anos, entrando portanto na maioridade. A ocasião – comemorada com um jantar que acaba de terminar – serve como pretexto para que o pai tenha com seu filho uma conversa séria, ao longo da qual irá lhe expor aquilo que considera como uma preparação adequada para o futuro. Os diversos conselhos ofertados pelo pai ao filho para se tornar um *medalhão* (na expressão que dá título ao conto) acabam se revelando como uma receita para se alcançar prestígio na sociedade brasileira oitocentista; porém, logo se percebe a ironia machadiana por trás da suposta fórmula de sucesso, pois os recursos sugeridos – o mutismo e a inatividade mental, disfarçados por uma postura grave e pelo recurso à memória – têm a clara finalidade de se atingir e permanecer no senso comum.

De acordo com o receituário do pai, os próprios passatempos ou divertimentos sociais devem ser cuidadosamente escolhidos: “O voltarete, o dominó e o *whist* são remédios aprovados. O *whist* tem a vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circumspecção”. O passeio nas ruas também é recomendado, “com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de ideias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade”. Por isso mesmo as livrarias são locais a serem evitados: “As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escancaras”. É então que aparece no

---

<sup>4</sup> Agradeço esta preciosa indicação a Eduardo Vieira Martins.

conto a referência a Charles de Mazade:

Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não preferas interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regime, durante oito, dez, dezoito meses – suponhamos dois anos –, reduces o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum.

Assim, nota-se que, na perspectiva do conto, “as belas crônicas de Mazade” fazem parte de uma espécie de receita de redução do intelecto ao senso comum, e juntar-se ao grupo dos “estimáveis cavalheiros” que compõem seus “leitores habituais” significa, em grande parte, integrar um coro monótono de pessoas aparentemente bem pensantes, mas na realidade indivíduos que abrem mão de pensar em detrimento da facilidade de apenas repetir as opiniões emitidas em um veículo prestigioso. Se essa interpretação estiver correta, e tendo razão Roberto Schwarz quando estabelece a “Chronique de la Quinzaine” como “um dos modelos retóricos da crônica machadiana”, o próximo passo seria precisar o modo pelo qual o escritor brasileiro se apropria da referência estrangeira. Para testarmos a hipótese aventada, vamos restringir a investigação ao primeiro texto da série publicado por Machado, tentando perceber como ele dialoga com a escrita de Charles de Mazade.

O número inaugural da revista *Ilustração Brasileira* data de 1º. de julho de 1876. A revista tinha a mesma periodicidade quinzenal da coluna que Machado de Assis desenvolveu nela, “História de Quinze Dias”<sup>5</sup>. Ignorando a prática comum de se utilizar as primeiras linhas da crônica de abertura de uma série para apresentar aquele que seria o seu programa, Machado de Assis inicia seu texto abordando diretamente um assunto que ocupava a imprensa internacional naquele momento: a crise política e religiosa que atingia a Turquia. Seu soberano, o sultão Abdul-Azziz-Khan, havia sido deposto em 30 de maio, vindo a falecer cinco dias depois. Trigésimo segundo soberano da dinastia otomana, Abdul-Azziz-Khan ascendera ao trono do Império Otomano em 1861, ocupando o lugar antes ocupado pelo irmão. Na introdução da coletânea desta série

---

<sup>5</sup>Tanto a série quanto a revista sofreriam uma mudança a partir de fevereiro de 1878, quando o periódico entraria em declínio e seria publicado mensalmente; de modo paralelo, a coluna mudaria seu título para “História de Trinta Dias”. Apenas três crônicas foram publicadas com o novo título até que a revista deixou de circular completamente em abril. Apesar da mudança de título, a série era uma só, e totalizou 40 crônicas, publicadas ininterruptamente entre julho de 1876 e abril de 1878.

publicada pela Editora da Unicamp, Leonardo Affonso de Miranda Pereira fornece elementos que ajudam a contextualizar os acontecimentos na Turquia, bem como os comentários tecidos a seu respeito tanto por Machado quanto por Mazade:

Embora reconhecido pelos jornais do período como um sultão “dedicado às ideias novas e inimigo decidido dos prejuízos do velho partido muçulmano”, [e] cujo governo teria “a tendência para a introdução na Turquia de instituições modeladas pela civilização europeia”, ele teria sido derrubado por grupos que tentavam aprofundar a força e a velocidade de tais reformas. Influenciados pelas ideias de filósofos e políticos liberais como Jean-Jacques Rousseau, Benjamin Constant e William Gladstone, esses grupos defendiam a implementação imediata na Turquia de instituições como o parlamento e a Constituição.(MACHADO DE ASSIS, 2009, p. 65)

Se observarmos os números anteriores da *Revue des Deux Mondes*, notaremos que a “Chronique de la Quinzaine” também vinha dedicando um grande espaço à assim chamada questão do Oriente. Na crônica de 31 de maio de 1876, por exemplo, nada menos que 70% do texto é dedicado a comentar este assunto (o restante se detém sobre questões referentes à política interna francesa, tais como disputas partidárias e sucessões ministeriais). Contudo, a primeira “Chronique de la Quinzaine” a revelar um diálogo mais evidente com o texto de estreia de Machado na nova série é a de 14 de junho, que comenta o desfecho do golpe, seguido da morte do sultão. A porção da crônica dedicada à análise detida dos acontecimentos em Constantinopla é antecedida por dois parágrafos nos quais o autor tece comentários gerais sobre as insurreições em curso na Europa (na Bósnia e na Herzegovina, além daquela na Turquia) e sobre a responsabilidade das grandes potências europeias de manter a paz no mundo. A princípio, suas observações parecem ater-se quase que exclusivamente aos fatos; porém, como logo se percebe, Charles de Mazade lança mão de alguns artifícios discursivos para comentar os eventos ocorridos:

Esta revolução de Constantinopla ocorreu de maneira bastante pacífica pela deposição de Abdul-Aziz e pela ascensão do filho de Abdul-Medjid, o novo sultão elevado ao trono da Dinastia Otomana sob o nome de Mourad V. O xeique declarou que o último imperador havia feito tudo o que estava a seu alcance para ser deposto, os próprios ministros se encarregaram de proceder à sua prisão, e a multidão aclamou o novo chefe dos crentes.

O cronista utiliza uma série de recursos que revelam uma apreciação pessoal sobre o acontecimento relatado, tais como a *modalização* (isto é, a evidência da intenção do emissor) presente na expressão “de maneira bastante pacífica” e a *omissão de informações* referentes à fonte da declaração do xeique e à aclamação do novo imperador pelo povo. Mais do que isso, Mazade também lança mão de forte *narratividade* para atribuir um efeito de realidade aos fatos narrados:

Tudo evidentemente havia sido preparado e tudo ocorreu de acordo com o programa. A revolução foi tão pacífica que ela começou a incomodar aqueles que permanecem ligados às lendas do palácio real, à tradição dos imperadores condenados a perder a vida junto com a coroa. Entretanto a tragédia não estava longe; ela não tardou a irromper como para mostrar que a Turquia não deixou absolutamente de ser a Turquia. Só que desta vez o sultão destronado não foi estrangulado por terceiros; ele mesmo se encarregou da operação tradicional abrindo as veias dos braços com a navalha que lhe servia para fazer a barba. Haviam tomado todas as precauções, haviam-lhe retirado as armas, mas esqueceram o pequeno instrumento! Dezenove médicos atestaram haver visto a navalha ensanguentada, os cortes, o cadáver imperial, e que tudo isso compunha necessariamente um suicídio. Quem pode afirmar o contrário?

Observe-se o tom narrativo (“Entretanto a tragédia não estava longe”) e a linguagem elevada (“ela não tardou a irromper”) empregados no trecho, bem como a própria palavra utilizada para se referir ao principal fato comentado (“tragédia”): todos esses elementos afastam o texto do discurso jornalístico e o aproximam do literário, compondo mais propriamente uma cena dramática típica dos folhetins que preenchiam as publicações da época, e que poderia inclusive ser identificada como um trecho de uma representação teatral – a *cena da morte do sultão*. Note-se ainda que, nessa passagem, a própria insistência com que o cronista afirma as evidências do suicídio do sultão levanta a leve suspeita de que tal “fato” não seria tão indiscutível assim, parecendo pairar sobre sua morte certa controvérsia (à qual ele, no entanto, só dá voz mediante sua negação). Porém, o acionamento dos recursos literários mencionados coloca o leitor, por assim dizer, em *modo de recepção ficcional*, fazendo com que se descuide dos recursos explicitamente argumentativos do texto: mais uma vez a *modalização* – “evidentemente”, “necessariamente” –, além de declarações pessoais taxativas – “A revolução foi tão pacífica que...”, reiterando a opinião já expressa no início da crônica: “Esta revolução de Constantinopla ocorreu de maneira bastante pacífica”; “a Turquia não deixou absolutamente de ser a Turquia”, “Quem pode afirmar

o contrário?”. Tais recursos, misturados indiscriminadamente à narrativa da morte do sultão, induzem o leitor incauto a aceitar sem mais a visão dos acontecimentos apresentada pelo cronista (de modo que não parece em absoluto fora de propósito a afirmação do personagem do conto “Teoria do medalhão” segundo a qual 75% dos leitores de Mazade “repetir-te-ão as mesmas opiniões”!).

A eficácia desse procedimento parece ser tão grande que não chega a comprometer a mudança da estratégia argumentativa levada a cabo no trecho seguinte, em que o cronista parte para a livre especulação sobre os motivos que teriam levado Abdul-Aziz a se matar e tece comentários finais sobre a transição de governos na Turquia:

Afinal não é impossível que Abdul-Aziz, tal como era, com suas alucinações de absolutismo oriental, tenha sido tomado por um último acesso de orgulho furioso e tenha se recusado a sobreviver a sua própria queda. Ao que parece, ele contava com a ajuda de navios couraçados cuja aquisição foi uma das loucuras que arruinaram seu reino: os próprios couraçados o abandonaram, e a vista de navios estrangeiros embandeirados no Bósforo teria sido a prova de que tudo estava terminado para ele. Resta que sua morte misteriosa simplifica a situação de seu sucessor, que de todo modo permanece sendo o soberano incontestado do Império Otomano. É um embaraço a menos para um governo que se inicia em condições bastante críticas, tendo que enfrentar a um só tempo insurreições, complicações externas deixadas pelo governo anterior e dificuldades internas que nascem em sua própria origem, a partir de uma mudança violenta.

“Não é impossível que...”, “ao que parece”, “teria sido a prova”: aqui Mazade empreende um movimento contrário ao que fizera anteriormente, e utiliza a modalização para atenuar a força de suas afirmações. Porém, a força dos comentários tecidos anteriormente (com auxílio de recursos literários) é tamanha que leva mesmo a passarem despercebidas no texto algumas contradições, como a afirmação de que a morte do sultão foi “misteriosa”, e a de que o novo governo se inicia em condições “bastante críticas” – e não pacíficas, como o cronista tanto se empenhou em defender.

Assim, podemos perceber que, por mais que lance mão de artifícios literários para comentar os eventos ocorridos, Charles de Mazade *escreve em seu próprio nome* e empreende um *comentário sério* sobre os acontecimentos na Turquia. Diferente será a abordagem dos mesmos acontecimentos sob a ótica de Machado, o qual se priva de contextualizar os fatos que tratará de interpretar e começa sua crônica diretamente com um tom irônico que será marca de sua produção jornalística daí em diante:

Dou começo à crônica no momento em que o Oriente se esboroa e a poesia parece expirar às mãos grossas do vulgacho. Pobre Oriente! Mísera poesia!

Um profeta surgiu em uma tribo árabe, fundou uma religião, e lançou as bases de um império; império e religião têm uma só doutrina, uma só, mas forte como o granito, implacável como a cimitarra, infalível como o Alcorão. Passam os séculos, os homens, as repúblicas, as paixões; a história faz-se dia por dia, folha a folha; as obras humanas alteram-se, corrompem-se, modificam-se, transformam-se. Toda a superfície civilizada da terra é um vasto renascer de coisas e ideias. Só a ideia muçulmana estava de pé; a política do Alcorão vivia com os paxás, o harém, a cimitarra e o resto.

Um dia, meia dúzia de rapazes libertinos, iscados de João Jacques e de Benjamin Constant, ainda quentes do último discurso de Gladstone ou do mais recente artigo do *Courrier de l'Europe*; meia dúzia de rapazes, digo eu, resolveram dar com o monumento bizantino em terra, abrir o ventre ao fatalismo e arrancar de lá uma carta constitucional.

Pelas barbas do Profeta! Há nada menos maometano do que isto? Abdul-Aziz, o último sultão ortodoxo, quis resistir ao 89 turco; mas não tinha sequer o exército, e caiu; e uma vez caído, deitou-se da janela da vida à rua da eternidade.(MACHADO DE ASSIS, 2009, p. 59)

O comentário machadiano sobre os acontecimentos na Turquia embebe-se de ironia do princípio ao fim: demonstrando-se afeiçoado às tradições e adverso ao povo (“a poesia parece expirar às mãos grossas do vulgacho”), Manassés lamenta o “esboroamento” do Oriente diante das ventos liberais vindos da Europa (como fica claro nas referências a Jean-Jacques Rousseau, Benjamin Constant e William Gladstone). Como observa Leonardo Affonso de Miranda Pereira, porém, “para os que haviam acompanhado a trajetória literária e política de Machado nos anos anteriores, tal posição pareceria, decerto, um tanto surpreendente”, uma vez que, “desde as crônicas escritas no *Diário do Rio de Janeiro* na década de 1860, sua fé liberal se explicitara diversas vezes sem subterfúgios”. Evidencia-se, assim, o emprego da ironia – e mais ainda na sequência da crônica, quando, dando um salto imaginativo, Machado descreve o diálogo que teria ocorrido entre o sultão recentemente falecido e ninguém menos do que Maomé – o qual, após ouvir daquele a explicação dos últimos acontecimentos, o repreende duramente:

– Cala-te! És mais do que isso, és o destruidor da lei, o inimigo do Islã. Tu fizeste possível o gérmen corruptor das minhas grandes instituições, pior que a fé de Cristo, pior que a inveja dos russos, pior que a neve dos tempos; tu fizeste o gérmen constitucional. A Turquia

vai ter uma câmara, um ministério responsável, uma eleição, uma tribuna, interpelações, crises, orçamentos, discussões, a lepra toda do parlamentarismo e do constitucionalismo. Ah! Quem me dera Omar! Ah! Quem me dera Omar! (MACHADO DE ASSIS, 2009, p. 60)

Manassés continua a lastimar o que se perdeu: “Mas o que eu apuro de tudo o que nos vem pelo cabo submarino e vapores transatlânticos é que o Oriente acabou e com ele a poesia”. Ele se queixa da “abolição do serralho” [o harém] e da extinção dos eunucos, arrematando o trecho com um lamento sentido: “Oh! Sobretudo os eunucos! Tudo isso é poesia que o vento do parlamentarismo dissolveu em um minuto de cólera e num acesso de eloquência”. Como nota Miranda Pereira (IN: MACHADO DE ASSIS, 2009, p. 24), nesse movimento, Manassés “evidenciava o caráter elitista e excludente de seu argumento”, haja vista que, “do ponto de vista dos eunucos ou das mulheres reclusas nos palácios – ambos próximos do que se podia entender, no mundo ocidental, como escravos ou dependentes –, as mudanças seriam certamente bem-vindas”. O leitor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* terá identificado aqui o narrador não confiável da segunda fase da ficção machadiana.

Mas não seria apenas a presença de uma voz narrativa dissimulada o traço que Machado importaria da crônica para sua prosa de ficção madura. É possível correlacionar uma outra atitude marcante de Brás Cubas – a *volubilidade do narrador* – a um aspecto em plena experimentação nesta série: a arte das transições. Como bem observou Lúcia Granja a propósito da série “Comentários da Semana” (a primeira escrita por Machado), em sua produção cronística inicial Machado de Assis mantinha uma escrita “dura”, na qual os diversos temas que abordava seguiam estritamente a ordem em que eram apresentados no corpo do jornal e apresentavam a forma de fragmentos não relacionados entre si e separados graficamente por números romanos. Em “História de Quinze Dias”, embora Machado mantenha a separação visual dos trechos da crônica por meio do emprego dos algarismos romanos, ele começa a superar essa divisão muito rígida dos assuntos lançando mão de um recurso até então inédito em sua escrita cronística: o uso do *gancho*.

Como vimos, nessa crônica de estreia na nova série, o primeiro tópico detém-sena crise na Turquia. No segundo, Machado aborda um caso relatado nos jornais da quinzena segundo o qual um rapaz no Ceará havia sido enterrado vivo (o caso relacionava-se a mais um dos frequentes mecanismos de fraude eleitoral no Império). No terceiro tópico, escreve sobre o jantar que havia sido oferecido a Blest Gana,

embaixador do Chile no Brasil. No quarto, comenta a apresentação de uma companhia italiana de ópera<sup>6</sup>; no quinto, continua cobrindo o ramo das artes e espetáculos ao comentar a Companhia dos Fenômenos; por fim, discute o emprego de variantes da palavra *chefia* na imprensa.

Para garantir a coesão em um texto que abordava assuntos tão diversos entre si e sem ligação aparente, Machado de Assis emprega o gancho. Assim, fechando o primeiro tópico, relativo à crise na Turquia, ele escrevia: “Vão-se os deuses, e com eles as instituições. Dá vontade de exclamar com certo cardeal: *Il mondo casca!*”. E começava o segundo criando uma transição fluida para um assunto que, aparentemente, em nada se relacionava com o anterior: “Ao menos Abdul, se foi enterrado, foi morto e bem morto. Não aconteceu o mesmo àquele sujeito do Ceará, a quem quiseram dar a última casa, estando ele vivo, e mais que vivo”. O mesmo ocorre ao fim deste tópico e o início do seguinte. Tendo levantado a hipótese de que a morte do rapaz foi registrada para que ele não pudesse exercer seu direito ao voto, o cronista termina o tópico com as seguintes palavras: “Esboço apenas a ideia; os políticos que lhe deem agora a cor e o movimento”. Na sequência, abria o terceiro tópico, relativo ao banquete: “O que eu não esbocei, decerto, foi o jantar dado ao Blest Gana”. O quarto e o sexto tópicos não apresentam ganchos, mas o quinto sim. Assim, percebe-se que nesta série Machado faz um uso frequente porém não obrigatório do gancho, aprimorando a redação de suas crônicas e inaugurando uma prática que será decisiva no estilo da obra que marca uma virada em sua ficção.

Para além da coesão textual apontada, Miranda Pereira vai mais longe e consegue perceber uma ligação temática estabelecida entre os diversos assuntos abordados não apenas nesta primeira crônica, mas na série como um todo. Segundo o pesquisador, “era a reflexão a respeito dos laços de dependência, do poder pessoal dos senhores e da confusão por eles promovida entre o público e o privado que explicava as opções narrativas de Machado na série, e dava unidade e coerência àqueles escritos” (IN: MACHADO DE ASSIS, 2009, p. 39). Assim como evidencia o conto “Teoria do medalhão”, a ‘exposição sarcástica da lógica da ideologia senhorial vigente’ entrava definitivamente na mira de Machado.

Assim, ao confrontarmos as duas séries de crônicas, é possível perceber que Machado de Assis empreende uma leitura desconstrutora do modelo estrangeiro,

---

<sup>6</sup> Embora o cronista faça a ressalva de que, na verdade, tratava-se de um grupo de artistas que já viviam na cidade há muito tempo.

fazendo uso de estratégias discursivas muito mais sofisticadas do que as presentes na “Chronique de la Quinzaine”. Se Mazade comenta os eventos da quinzena em tom sério e pessoal, Machado abusa da ironia e cria uma máscara<sup>7</sup> para lançar ao rosto da sociedade escravocrata seus cacoetes de classe. Analisando os processos de transferências culturais, Michel Espagne afirmou que “é preciso começar a extrair os ensinamentos da História mostrando como os empréstimos feitos à cultura de um país são deformados em função das necessidades próprias ao outro país” (IN: NOIRIEL, 1992). Acredito que a análise comparada das duas séries nos revela que Machado de Assis constituiu-se como um leitor habitual – porém um tanto quanto desabusado – das “belas crônicas de Mazade”.

### Referências bibliográficas

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis: escritor em formação (à roda dos jornais)*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

MACHADO DE ASSIS. *História de Quinze Dias*. Organização, introdução e notas: Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. “Teoria do medalhão”. IN: *Papéis avulsos. /Obras completas*. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Porto Alegre: W. M. Jackson, 1953.

MAZADE, Charles de. “Chronique de la Quinzaine”. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

NOIRIEL, Gérard. “Transferts culturels: l’exemple franco-allemand. Entretien avec Michel Espagne”. *Genèses*, 8, 1992.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

---

<sup>7</sup> Faça-se a ressalva de que a máscara do narrador Manassés não é sustentada o tempo inteiro na série: em alguns momentos, Machado escreve sobre eventos que vivenciou de fato e os comenta evidenciando que fala em seu próprio nome, como o próprio jantar em homenagem a Blest Gana, embaixador do Chile e amigo pessoal do escritor.